

ALUNA E PROFESSORA - IMPRESSÕES, REFLEXÕES E CONFUSÕES.

Danieli C. Gonçalves¹

Depois de 7 anos, me deparo com as mesmas carteiras, as mesmas salas de aula, a mesma realidade, só os personagens é que foram trocados. Foi só entrar na escola para um turbilhão de lembranças vir à tona... Meus amigos de infância, as brincadeiras, memórias positivas e negativas. Mas, enfim, de volta à escola onde estudei, agora como futura bióloga e professora.

Este relato traz as experiências e reflexões provenientes do estágio supervisionado de formação docente, realizado na disciplina de Prática Pedagógica em Biologia (EL882 – FE/Unicamp). Neste estágio foi possível participar de reuniões pedagógicas, preparar e ministrar aulas teóricas e práticas, observar diferentes aulas, metodologias, e distintas relações entre professor e aluno, o que me proporcionou uma experiência enriquecedora e intensa.

Primeiros contatos

O estágio iniciou-se com a observação de três professores, com matérias, idades e estilos diferentes de dar aula e se relacionar com os alunos.

A primeira aula observada foi da professora de química, que é bastante jovem, e tem como característica se impor com postura e tom de voz diferenciados, o que faz com que os alunos a respeitem e permaneçam atentos à sua fala. Ao mesmo tempo, tem uma relação muito boa com os alunos, interage com os mesmos na resolução dos exercícios e possui bastante 'jogo de cintura' para reverter as eventuais

¹ Bacharel e Licenciada em Ciências Biológicas – UNICAMP Mestranda em Biologia Funcional e Molecular – Instituto de Biologia (UNICAMP). 19-32560823; 19-91415354. E-mail: danieligoncalves@yahoo.com.br

piadas e brincadeiras, sem perder o foco da aula. Quanto aos alunos, muitos faziam os exercícios e respondiam às questões da professora, e a maioria parecia dominar o assunto.

Já na aula de português foi bastante diferente. A professora nos apresentou como alunos da Unicamp e nos fez falar sobre nós, em que escola estudamos, além de nos colocar ‘nas alturas’, como exemplo que os alunos devessem seguir, o que constrangeu o grupo todo. A professora, após as devidas apresentações, distribuiu um texto com questões para responder e não explicou o que deveria ser feito. A sala permaneceu em constante barulho, e a professora gritava incessantemente para ficarem quietos, sem sucesso. Nós auxiliamos os alunos com o texto e as questões; com este primeiro contato direto pude perceber quão deficientes estavam os processos de leitura e interpretação de textos destes alunos. Para exemplificar: uma aluna me perguntou “a resposta da questão 1 é essa aqui, não é?” apontando para o primeiro parágrafo do texto. Mas a questão 1 perguntava como o texto poderia ser classificado (dissertativo, narrativo, etc), e a resposta não estava no conteúdo do texto. Por isso pedi para que a aluna lesse a questão em voz alta, e então ela leu com muitas dificuldades. Logo em seguida pedi para que ela me dissesse com suas palavras que informação a questão ‘pedia’, e ela não soube dizer. Além disso, não conhecia quais eram as diferenças entre os tipos de texto.

Esta aluna é só um exemplo de muitos que estão nesta situação. A falta do domínio da leitura e interpretação de textos acaba por prejudicar o desempenho dos alunos em todas as disciplinas, e não permite o raciocínio dedutivo para a resolução de questões que não sabem responder. O contato com os alunos também permite verificar a falta de base (conhecimentos prévios, que deveriam ter sido trabalhados nas séries anteriores, além da leitura) para a aquisição de novos conhecimentos. E um agravante da situação é o formato de aula proposto pela professora, um texto ‘jogado’ sem nenhuma conversa prévia, sensibilização, questionamento ou contextualização, e sequer uma

explicação do que deveria ser desenvolvido. É possível também perceber que as salas são muito heterogêneas, alguns alunos conhecem assuntos que outros sequer ouviram falar. Um dos motivos para esta heterogeneidade pode estar relacionado aos fatos citados acima, uma vez que se os alunos aprendem somente realizando exercícios por si mesmos, e nem todos o fazem (não há cobrança e não há a preocupação com nota por parte da maioria dos alunos) – isso gerará diferenças, além de muitas vezes o aluno ser aprovado sem os devidos ‘esforços’. Além disso, há alunos que vieram de outras escolas de Ensino Médio ou Fundamental. Mas essas são apenas suposições, e estão longe de apresentar respostas ou soluções, apenas confusões.

A aula de inglês foi bastante parecida com a aula de português, com relação às apresentações e a proposta de aula. Na aula anterior a professora havia passado a tradução de um texto para os alunos copiarem, assim como algumas questões em português para responderem e procurarem palavras no dicionário. Mais uma vez, no contato com os alunos, foi possível perceber dificuldades no entendimento do texto em português, assim como no manuseio do dicionário. Muitas palavras poderiam ter seu significado deduzido, como por exemplo, a palavra *net*, muito presente em nosso cotidiano, seja nos comerciais de TV a cabo, no uso da *internet*, mas a impressão que tive foi de que o estabelecimento das relações entre os conteúdos escolares e o dia-a-dia não é incentivado, ou não é feito de forma eficiente. Talvez este seja um dos motivos do desinteresse. Ainda, a todo o momento a professora tentava justificar sua proposta de trabalho, e declarou várias vezes que acreditava que o aprendizado não ocorria. Isto num primeiro momento me deixou muito revoltada, pois já que as estratégias utilizadas não foram efetivas, deveríamos tentar novas formas e não simplesmente aceitar. Esta postura comumente observada entre os professores é bastante discutida por especialistas: a Síndrome de Burnout, um tipo de estresse de caráter persistente vinculado às situações de trabalho, à constante e repetitiva pressão emocional associada com um intenso

envolvimento com pessoas por longos períodos de tempo. De fato, depois de cada dia de estágio eu chegava em casa completamente “esvaziada”, com grande cansaço mental e físico e dificuldades para prestar atenção nas aulas da graduação no período noturno. Colocando-me no lugar daquelas professoras, que inicialmente me fizeram sentir raiva e julguei incompetentes, comecei a entender como elas se sentiam. E as experiências de preparar aula e lecionar me confirmaram estes sentimentos. Fiquei um tanto decepcionada depois da aula de biologia celular, quando na realização dos exercícios verifiquei que muitos alunos não sabiam o que eu havia acabado de explicar. A aula havia sido preparada com tanto cuidado, desde os desenhos da lousa até a linguagem, então comecei a questionar: será que minha aula não foi boa? Será que não me comuniquei de forma adequada? O que preciso melhorar? E na outra sala não havia sido diferente. Agora é só multiplicar esta sensação de fracasso por 6 vezes ao dia, vezes 5 dias por semana, para os professores que dão aula em um só período! Mas entender não significa concordar com essa postura. Essas observações motivaram a realização de uma entrevista com os professores, na qual foram apontados os principais problemas enfrentados: a desvalorização da profissão e os baixos salários, a falta de apoio do governo, a sobrecarga de aulas, o alto número de alunos por sala, a falta de disciplina dos alunos e a falta de autonomia para selecionar o programa.

Na análise dessas três aulas também foi possível fazer observações sobre a relação entre professor e aluno. Na aula da professora de química havia mais conversa entre os alunos e a professora, e ela os conhecia pelo nome, dirigindo perguntas e interagindo com cada um deles. Quando um aluno não havia resolvido o exercício perguntado, ela questionava o porquê do exercício não ter sido feito e quais as dúvidas, então fazia a resolução na lousa. Já as professoras de português e inglês tratavam os alunos com rispidez e conheciam somente os mais bagunceiros pelo nome. Este tratamento

gera uma relação tensa entre professor e aluno, uma vez que o respeito se torna falho de ambas as partes.

Nas reuniões pedagógicas

Pude acompanhar uma reunião de HTPC (Horas de Trabalho Pedagógico Coletivo), que começou com cerca de 1 hora de atraso (o que, segundo os professores, sempre acontece). Enquanto a diretora não chegava os professores conversavam sobre os alunos, mas se tratava de uma conversa bastante informal, certas vezes falavam mal de alguns alunos e até mesmo faziam brincadeiras, exatamente como os alunos fazem uns com os outros. No HTPC também pude conhecer professores muito animados e preocupados em fazer atividades diferentes com os alunos. Estavam muito motivados em realizar aulas práticas, o que me animou muito e me fez buscar livros, protocolos, e pensar em possíveis práticas. E este foi um dos momentos em que eu admirei os professores, pois apesar de tudo eles demonstravam acreditar em seus alunos.

Pude acompanhar também uma reunião de planejamento pedagógico, na qual seria discutida a proposta curricular enviada pela Secretaria de Educação. O início da reunião foi bastante demorado, pois havia um barulho (conversa) excessivo e as coordenadoras não conseguiam falar, comportamento que me lembrou muito o dos alunos. Os textos a serem discutidos (contidos no caderno da proposta) foram divididos e distribuídos para que cada grupo de professores estudasse um texto e expusesse as ideias do mesmo. Esses tópicos foram abordados em meio a muita conversa e o tema muitas vezes era exposto sem debate sobre como colocar a referida ação em prática. Em apenas um momento uma professora levantou uma discussão sobre a postura e comprometimento do professor e a interdisciplinaridade. Neste momento os professores levantaram que falta tempo e encontro entre os professores para planejar atividades, aulas, projetos e a interdisciplinaridade, e a discussão não foi conclusiva.

As aulas de Biologia

Antes de iniciar o trabalho com os alunos, observamos algumas aulas de biologia. Essas aulas foram muito importantes para que os estagiários estabelecessem uma relação com os alunos e vice-versa, o que de certa forma facilitou o nosso posterior trabalho, pois já havia uma empatia, e muitos alunos inclusive já nos chamavam pelo nome na nossa primeira aula.

Na aula do professor eventual a turma permaneceu em constante barulho, alguns alunos simplesmente viraram de lado ou para trás as carteiras para conversar. A aula se resumiu a cópia de lousa. E durante a cópia, os alunos não prestam atenção, pois conversam intensamente ao mesmo tempo em que escrevem e por isto demoram bastante para terminar a cópia. Desta forma, se nem o professor está envolvido, é difícil envolver os alunos, que dirigiam comentários do tipo “ainda bem que é só uma aula!!!”. Faltando cerca de dez minutos para o término da aula, o professor deu uma breve e confusa explicação sobre o conteúdo, sem mais questionamentos.

A aula da professora de biologia foi um pouco diferente, pois não pediu que os alunos copiassem a lousa e também conseguiu ‘controlar’ bem a sala. Porém sua fala foi bastante confusa, não seguiu uma sequência didática e falou de vários assuntos sem se aprofundar em nada (descoberta das células, invenção do microscópio, célula eucariótica e procariótica, organelas existentes, etc). Na aula seguinte verificamos que os alunos não se lembravam dos conteúdos tratados em ambas as aulas. A professora até comentou: “É assim mesmo, eles são muito desatentos”.

Com a observação tanto das aulas de biologia como das outras disciplinas, foi possível verificar que é uma árdua tarefa manter a atenção dos alunos e fazer com que eles se envolvam com os problemas propostos e assuntos tratados. Por outro lado, alguns professores parecem ter ‘jogado a toalha’ e não se esforçam para preparar e dar sua

aula O que traz à tona uma questão de difícil solução: São os alunos que desestimulam o professor, ou o professor que desestimula (ou não estimula) os alunos? É uma questão que não sei responder, mas apenas apontar alguns fatores. Esta questão parece ir muito além dos limites da sala de aula, e ser um reflexo de problemas, não somente na gestão do ensino público, mas também questões sociais (problemas familiares, falta de recursos, pais presos ou ausentes, etc). Entra neste balanço o descaso do poder público pelas escolas (verificamos que faltam funcionários para manter a biblioteca assim como o laboratório; faltam também mais inspetores de alunos) e pelos professores, assim como há uma certa coação para que os professores literalmente deem notas aos alunos e os passem para as séries seguintes (sistema de concessão de bônus, que leva em conta o desempenho da escola). Soma-se a este cenário a progressão continuada, que habitua o aluno a não se esforçar, já que será promovido de série mesmo que não tenha domínio das habilidades necessárias. Assim os professores devem dar conta de trabalhar os conteúdos e ao mesmo tempo ‘remendar’ as dificuldades trazidas pelos alunos.

O preparo da primeira aula foi um tanto difícil, em função de estar adaptada ao constante uso de jargões ‘biológicos’. Foi necessário simplificar a fala, por isso optei muitas vezes por não utilizar os termos corretos (como por exemplo, hidrofílico, que foi substituído por ‘porção com afinidade por água’) bem como buscar uma maior interação com os alunos.

A experiência de dar aula foi muito boa, apesar de verificar que uma parte dos alunos não se recordava do que foi explicado, e posteriormente promoveu uma auto avaliação sobre a postura diante da sala, tom de voz, linguagem utilizada e estratégias didáticas, e se estas aulas fossem novamente ministradas, seriam diferentes. Durante a realização das atividades foi possível perceber que os alunos copiam muito uns dos outros, e sem vergonha alguma, na nossa frente e na frente da professora. Estes alunos permanecem em sala, porém

conversando, desenhando ou ouvindo música, enquanto o colega faz a atividade que, depois de terminada, é emprestada para cópia. Por vezes observei um aluno fazendo duas atividades, questionei para quem ele estava fazendo; em seguida questionei ao outro aluno se ele confiava tanto assim no amigo, e este disse que se algo estivesse errado era uma coisinha ou outra.

Na correção da atividade a cópia também era perceptível. Alguns erros eram recorrentes como, por exemplo, a palavra ‘libossomo’ que apareceu cerca de 7 vezes, além de respostas inteiramente iguais. Detectamos também grandes problemas na formulação dos textos, assim como erros graves de ortografia (como por exemplo ‘baquitéria’), no uso de plural, acentuação e pontuação, além de uma linguagem extremamente coloquial. A atividade de biologia celular demorou 4 aulas para ser finalizada, sendo que esta atividade foi concebida para 2 aulas, e mesmo assim nem todos os alunos terminaram.

Este hábito de cópia me fez pensar sobre qual o valor que os alunos agregam à aquisição de conhecimento. Talvez pouco ou nenhum, pois nem para passar de série eles servem (e em grande parte das disciplinas as provas são com consulta – assim a cópia é do livro). Mas não sei exatamente o que fazer para isso mudar; durante as aulas percebi que quando mencionávamos exemplos cotidianos eles se interessavam mais, também acredito que falta problematizar, desafiar o aluno e fazê-lo pensar e propor respostas e não só expor um monte de conteúdo, de forma solta ou compartimentalizada (um caminho é tentar promover a interdisciplinaridade e as relações entre áreas e assuntos). Talvez também falte a preocupação em ‘ensinar a aprender’, propor atividades não somente direcionadas à aquisição de conteúdo, mas também ao desenvolvimento do raciocínio, da capacidade de propor soluções e questionar. E isto me faz lembrar da experiência que passei, há 7 anos atrás, quando finalizei meus estudos nesta mesma escola (8º série) e fui estudar em outra (ETECAP). Quando cheguei nesta nova escola percebi que eu não sabia nada de nada, pois só havia sido

apresentada à realidade da cópia e ‘decoreba’ de nomes sem relações e significados, além disso, não sabia estudar sozinha e nem realizar uma pesquisa, muito menos julgar as fontes e os conteúdos. Lembro-me do meu professor de história: “Vocês não devem acreditar no que os livros de história contam, porque eles contam a versão de quem ganhou a guerra! Olhem para tudo com crítica! Duvidem até do que eu estou falando!”. E acredito que talvez estes alunos apresentem as mesmas dificuldades que eu tive, mas só descobrirão quando forem estimulados. E muitas vezes também percebi que há uma preocupação muito maior com a documentação e cumprimento do programa, do que com as habilidades que os alunos desenvolveram (e as provas não avaliam isto). Ao mesmo tempo, com esta proposta curricular determinada, eu realmente não sei qual a liberdade que o professor tem de sugerir atividades alternativas, talvez até mais produtivas para a aquisição destas habilidades. Por isto tenho uma forte crença na potencialidade das aulas de laboratório, assim como das atividades lúdicas.

Ministramos também uma aula sobre a 1ª Lei de Mendel, e esta consistiu de uma exposição bastante breve e simplificada sobre o ‘Mistério de Mendel’ tentando problematizar através da linguagem visual os resultados obtidos por ele. Para isto utilizamos balões verdes, para representar as ervilhas rugosas e lisas, e contamos com a atuação dos alunos para segurar as ervilhas (eram as plantas). Esta aula foi construída nos moldes das aulas de Biologia Celular da faculdade. Uma aula de 1ª Lei de Mendel já havia sido ministrada pela professora, porém percebemos que muitos alunos não tinham entendido sequer a essência do problema encontrado por Mendel, pois quando questionados sobre qual o resultado do cruzamento entre plantas de ervilha lisa (pura – AA) com plantas de ervilha rugosa (aa), respondiam que um intermediário seria observado (um meio rugoso meio liso). A percepção destas dificuldades ocorreu no momento da resolução de exercícios contidos na proposta curricular, que foram realizados pelos alunos sem grandes dificuldades, pois não cobravam de forma clara este conhecimento (isto

estava contido no texto do exercício, que pelo visto não foi lido). Uma aluna até comentou que a atividade era muito idiota e disse “eles acham que a gente é retardado?”. Por isto decidimos inserir esta aula no programa e fazê-la de uma forma diferente, já que a maneira convencional não foi efetiva.

No preparo desta aula abominei diversas vezes quem escolheu as ervilhas para ensinar as leis de Mendel. Em minha opinião, estas não são um bom exemplo por se tratarem de um genoma diferente do genoma da planta que a carrega, e fazerem parte de um estágio muito breve da planta (fase de semente). Fato que demanda outros conhecimentos como fecundação em plantas, formação de frutos/sementes, o que faz necessária a explicação destes temas além do conteúdo da Lei de Mendel. Isto pode gerar falta de clareza na exposição do conteúdo e além de tornar mais difícil ainda a sua compreensão pelo aluno (por exemplo: uma mesma planta – Aa – pode formar ervilhas lisas ou rugosas - Aa, aa – dependendo da planta com a qual for cruzada, o que pode causar muitas confusões). Até eu, depois de ter cursado três genéticas fiquei confusa, e nem sei se consegui aqui expor a minha confusão de forma clara. Acredito que há outros exemplos melhores (como a altura das ervilheiras, por exemplo).

Na realização das duas atividades houve algumas diferenças entre as turmas (2ºA e B). O 2ºA é uma sala bastante agitada, sempre conversam bastante durante a aula; porém, se o professor conseguir chamar a atenção, estes são alunos muito ‘presentes’ e interessados em participar, assim é possível sentir se estão aprendendo algo ou não. Já o 2ºB é uma turma relativamente mais comportada, mas quando questionados sobre algo eles não respondem, não sei se por timidez ou por que simplesmente permanecem quietos sem interesse. Ou seja, o fato de os alunos ficarem quietos não quer dizer que eles estão prestando atenção, muito menos demonstra o interesse dos mesmos. Ao mesmo tempo, o fato de os alunos bagunçarem não quer dizer que são desinteressados. Percebemos que há um pré-conceito, já sedimentado

como verdade, de que os alunos não querem saber de nada e por isso não vale à pena fazer esforço por eles; certa vez uma das coordenadoras pedagógicas comentou: “Eu acho que a gráfica (que queríamos retirar do laboratório) tinha que ser colocada na biblioteca! Para que esse esforço de reabrir a biblioteca? Ninguém vai usar mesmo!”. Acredito serem muito fortes também as ações destas ‘profecias auto realizadoras’.

O laboratório e as aulas práticas de Biologia.

O laboratório foi encontrado em um estado de total abandono, com uma função de depósito de materiais diversos, como carteiras e cadeiras novas, trabalhos e maquetes de alunos (muito antigas) e maquinário para reciclagem de papel (2 liquidificadores industriais, prensas, guilhotinas, telas, bandejas) que ocupavam um considerável espaço do laboratório.

O trabalho consistiu em verificar o que havia, o estado de conservação e armazenamento, e realizar o descarte dos produtos antigos já deteriorados. Este trabalho de ‘faxina’ tornou o laboratório com um aspecto bem mais agradável e pronto para receber os alunos.

Em uma pesquisa realizada com o 2ºA e B, detectamos que cerca de 78% dos alunos entrevistados não conheciam o laboratório de ciências. Quando conversamos com os alunos para avisá-los da aula de laboratório estes se mostraram bastante animados.

Para o preparo da aula prática contamos com o empréstimo de lâminas pelo Departamento de Histologia (Prof. Paulo Joazeiro - IB), empréstimo de micrografias pelo Departamento de Biologia Celular (Profa. Heidi - IB), empréstimo de modelos de molécula de DNA (Prof. Carlos Ramos – IQ) e orientações do Prof. André Lucci (Departamento de Zoologia) para o crescimento e observação de protozoários em água. Algumas animações foram reproduzidas (com computador e projetor dos estagiários), assim como as figuras de microscopia de raiz de cebola.

Organizamos a aula em quatro temas, cada um em uma mesa e sob a supervisão de um estagiário. A divisão dos trabalhos foi a seguinte:

- Manuseio do microscópio, observação de protozoários em movimento, atentando para o fato de serem unicelulares e para as suas diferentes formas; como, porém, os protozoários se moviam muito rapidamente era um pouco difícil localizá-los, e nas vezes em que a visualização não foi possível, um treinamento de manuseio do microscópio foi realizado.

- Mostra de animações de mitose e meiose acompanhada de explicação, com uso de um modelo de molécula de DNA.

- Manuseio do microscópio e observação de diferentes tipos celulares (células epiteliais, musculares lisas, hepatócitos e neurônios) e discussão sobre a forma e função celular.

- Observação de micrografias e discussão sobre microscópio óptico e microscópio eletrônico e o poder de visualização de cada um, revisão de organelas e suas funções, especializações celulares (microvilos, cílios, predominância de certas organelas).

As turmas então foram divididas em 4 grupos com cerca de 5 alunos cada, e o tempo de permanência dos grupos em cada mesa foi de 25 minutos aproximadamente, o que parecia ser bastante tempo.

O desenvolvimento desta aula prática realmente surpreendeu não só a mim como aos outros estagiários e à professora também; os alunos, muito motivados, se comportaram e participaram, o que fez a aula muito produtiva e o tempo curto para tantas perguntas legais. Eles permaneciam com os olhos muito atentos e curiosos nos materiais e, na mesa de micrografias, fizeram perguntas como:

- “É possível extrair DNA do cabelo? E do sangue? E da saliva?”

- “É verdade que quando comemos pimenta salivamos mais para diluir o gosto?”

- “O que é o chiado no peito?”

- “Se os cloroplastos fornecem energia quer dizer que as plantas carnívoras não precisam deles? Elas não são verdes?” (essa me deixou perplexa!)

- “O que faz a pele ser escura?”

- “Por que utilizar células-tronco?”

Além dessas perguntas, houve uma discussão muito interessante sobre células-tronco, em que momento começa a vida (fecundação / formação do sistema nervoso / no nascimento) e sobre o seu uso terapêutico. Havia opiniões divergentes no grupo pois uma das alunas tem um parente com Alzheimer e era a favor do uso e por isto a discussão foi muito produtiva e me deixou bastante impressionada. Alguns alunos ficaram bastante curiosos (alguns horrorizados) em saber que temos células ciliadas, no trato respiratório e comentavam com o próximo grupo este ‘achado’: “Vocês vão ver que a gente tem pêlos na garganta!”.

E é por este envolvimento e motivação que eu acredito muito no potencial didático dessa modalidade de ensino, com aplicação não somente de materiais demonstrativos, como foi o caso, mas principalmente com o uso de experimentos nos quais os alunos possam fazer inferências sobre seu resultado, dando certo ou errado. Além disso, exercita habilidades como cooperação, concentração, organização. O modelo tradicional de ensino trata o conhecimento como um bloco de informações que são simplesmente passadas dos professores para os alunos. Assim, os alunos são simplesmente ouvintes, passivos, e muitas vezes estes conhecimentos são apenas memorizados por um curto período de tempo, como por vezes verificamos, o que não caracteriza a ocorrência de um verdadeiro aprendizado.

Melhor visualizei como a confusão e a dúvida são importantes no processo de aprendizagem. Depois da aula da lei de Mendel uma aluna, mesmo depois de resolver os exercícios ‘exibia no rosto um ponto de interrogação’, me fez uma série de perguntas sobre os cruzamentos e disse “estou muito confusa e preciso pensar mais”. E esta confusão, na medida certa, pode motivar o aluno a buscar respostas e ‘aprender a aprender’, bem como se recompor da confusão. Os alunos estão muito habituados à cópia, a obtenção de respostas prontas, sem raciocínio ou questionamentos (o que não estimula o desenvolvimento das

potencialidades cognitivas que possuem). Acredito que as aulas práticas também possam auxiliar neste ponto, claro que em conjunto com as aulas teóricas.

Aberturas para a continuidade...

Foi excepcional a experiência de entrar em uma escola, sob um olhar diferente, o de educador, principalmente por se tratar da escola na qual estudei. Isso me permitiu refletir sobre muitas questões, não somente as aqui relatadas, que me proporcionaram um total desconforto e desconcerto. Fui por diversas vezes 'contaminada' com o pessimismo dos professores e muitas vezes cheguei a concordar que não tinha jeito mesmo, que os alunos eram terríveis e não queriam nada com nada. Por outras vezes sentia desprezo por certos professores, a todo momento reclamando de tudo mas sem visível esforço para melhora. Por vezes os admirei pelo empenho e amor à profissão. E esta 'sinuca' que vivi me fez buscar entender ambos os lados (professores e aluno), apesar de não ter chegado a uma conclusão até agora.

O contato com os alunos foi ímpar, a oportunidade de conversar com eles não só sobre assuntos de biologia e saber dos seus anseios, dúvidas, perspectivas também me fizeram aprender muito, acredito que muito mais do que pude ensinar. Eles me fizeram lembrar dos meus tempos de escola e ter novamente contato com uma realidade que já fez parte da minha vivência, a realidade e os problemas sociais da maioria das famílias do bairro. Espero ter contribuído com algo de bom para os alunos, assim como eles contribuíram para parte da minha formação, mesmo sem saber.